

Narrativas de memórias esportivas: a emergência de clubes de futebol amadores na Ilha dos Marinheiros – Rio Grande/RS

Jones Mendes Correia *
ESEF/UFPEL

Ms. Gustavo da Silva Freitas **
IE/FURG

Dr. Luiz Carlos Rigo ***
ESEF/UFPeL

Resumo: O presente artigo trata da memória do futebol amador na Ilha dos Marinheiros, bairro da cidade de Rio Grande/RS, mais especificamente de questões relativas à fundação dos clubes locais e ao aparecimento da prática do futebol amador nessa região. Assim, através da metodologia da história oral, o estudo aborda o envolvimento dos moradores locais com o futebol da ilha (sobretudo nas décadas de 1930 e 1940) e faz uma averiguação das noções de pertencimento desses moradores com os clubes que atuavam, ajudaram a fundar ou pelos quais simplesmente torciam.

Palavras-chave: Clubes de futebol amador. História oral. Ilha dos Marinheiros.

Abstract: This article deals with the memory of amateur soccer in Ilha dos Marinheiros, a neighborhood of Rio Grande/RS, specifically of issues related the foundation of the local clubs and the emergence of the practice of amateur soccer in this region. Thus, through the methodology of oral history, the study approaches the involvement of locals with the soccer on the island (mostly in the 1930s and 1940s) and investigates the notions of belonging of residents with the clubs they played, helped to found or cheered for.

Keywords: Amateur soccer clubs. Oral history. Ilha dos Marinheiros.

Introdução

Este trabalho tem por finalidade fazer uma narrativa referente a algumas memórias do futebol amador da Ilha dos Marinheiros, especialmente como se deu a constituição de clubes amadores de futebol neste local, nos anos 30 e 40 do século passado.

A Ilha dos Marinheiros é um bairro de característica rural da cidade de Rio Grande/RS, distante aproximadamente 30 quilômetros do centro. Nela, os moradores vivem,

* Mestrando em Educação Física pela ESEF/UFPeL. E-mail: <jonescorreia.edfisica@yahoo.com.br>.

** Doutorando no PPGE/C/FURG, professor assistente do curso de Educação Física/FURG. E-mail: <gsf78_ef@hotmail.com>.

*** Doutor em Educação (Unicamp), professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Educação Física na ESEF/UFPeL. E-mail: lcrigo@terra.com.br

quase que em sua totalidade, sustentados em seus trabalhos autônomos na agricultura familiar e/ou na pesca.

Para se chegar até a ilha, existem duas possibilidades: por via terrestre, percorrendo nove quilômetros de estrada de chão, no deslocamento entre a BR-392, junto à Vila da Quinta, passando pela Ilha do Leonídeo, até chegar à ponte que liga as duas ilhas. Tal possibilidade existe desde 2003, quando foi instalada uma ponte que liga o continente à ilha, inaugurando uma passagem *a seco* para visitantes e moradores. Ou pode-se optar por um transporte por meio de barcos, único meio de deslocamento para a cidade do Rio Grande até meados do século XX. Esse tipo de transporte é organizado e executado por alguns moradores locais, que também tiram seu sustento dessa prática, sem que para isso tenham que se afastar das atividades tradicionais de agricultura e pesca.

Colonizada por portugueses, a Ilha dos Marinheiros ainda mantém traços dessa colonização, presentes principalmente em suas festas religiosas¹, as quais contam com uma programação que possui a duração de um dia inteiro, começando com hasteamento das bandeiras (brasileira e portuguesa), missa, procissão, almoço e baile. Outro forte vestígio da colonização portuguesa presente até hoje na ilha é a produção de vinho e jeropiga².

No campo do lazer, juntamente com as festas, está muito presente a prática do futebol, nos âmbitos peladeiro e amador. Nesse sentido, nos interessamos em investigar um pouco mais sobre a emergência e a consolidação dos clubes amadores de futebol nesse local nos anos 30 e 40 do século passado. Em parte, esse interesse surgiu pelo fato de que, ao transitar pelas ruas da ilha, é possível identificar algumas sedes sociais de clubes de futebol, as quais trazem em suas fachadas as datas das suas respectivas fundações.



Figura 1: Festividade na Ilha, Década 1960.
Acervo Pessoal de Valdir Oliveira e Silva

Assim, a ideia seguida por esta pesquisa foi construir e analisar alguns elementos constitutivos da memória futebolística da Ilha dos Marinheiros, mais especificamente o processo de emergência de clubes de futebol, nos anos 30 e 40 do século passado. Para tanto, foi feito uso da história oral³, utilizando como principal fonte a entrevista orientada por um roteiro básico, sem deixar de levar em conta documentos e/ou fotografias, quando foi possível ter acesso a esses materiais via arquivos pessoais dos depoentes ou através de outros moradores da ilha.

O recorte histórico indicado é oriundo não só das observações daquelas fachadas das sedes sociais, mas, sobretudo pela localização temporal trazida pelos seis depoentes entrevistados. A seleção desses narradores foi feita a partir dos vínculos afetivos que possuíam com o futebol amador, tanto quanto a vida na ilha. Caracterizados como ex-jogadores, filha de fundador, presidente, patrono e diretor, essas vozes atestam a multivocalidade (PORTELLI, 2010) presente na história oral, uma vez que, mesmo partilhando de identificações socioculturais, tais moradores trazem a singularidade dos *lugares* de onde falam.

Produzidas entre abril e junho de 2011, as entrevistas aconteceram na própria casa dos depoentes ou na sede dos seus respectivos clubes de futebol, em um lugar de conforto para o entrevistado, como sugerem Meihy e Holanda (2007).

O “pontapé inicial” do futebol na Ilha dos Marinheiros

Antes de destacar o futebol amador da Ilha dos Marinheiros, se faz necessário explicitar o termo futebol amador, o qual, conforme Damo (2005), pode ser chamado também de futebol comunitário, de bairro ou de várzea. Ainda segundo o autor, o futebol como um todo está dividido em quatro matrizes: bricolada, espetacularizada, comunitária ou amadora e escolar.

Entre a matriz espetacularizada e a bricolada existe ao menos uma modalidade de futebol, vinculada ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia do sistema FIFA-IB. Talvez o que melhor caracterize o futebol intermediário... é a presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala. A divisão social do trabalho fora de campo não é nula, mas precária. (DAMO, 2005: 14-15).

Alguns indícios apontam que o futebol amador na Ilha dos Marinheiros teve seu início por volta da década de 1930. As datas estão presentes e expostas nas atuais sedes sociais de alguns clubes que ainda possuem atividades, sejam elas eventos futebolísticos ou não.

No começo do século XX, a Ilha dos Marinheiros era um bairro com uma grande população. Segundo Azevedo (2003), no ano de 1911 a ilha possuía um total de 1935 habitantes, sendo que, em 1940, chegou a alcançar uma população de 7200 habitantes. Registros históricos indicam que esse bairro já sediou por volta de 11 clubes de futebol.

Além disso, sabe-se que na década de 1930 se deu o ponto alto do futebol rio-grandino, em se tratando da esfera profissional. Nessa época, os três clubes disputavam a elite do futebol do Rio Grande do Sul, cujo protagonismo rendeu à cidade três títulos estaduais:

1933, com o Sport Club São Paulo; 1936, com o Sport Club Rio Grande; e 1939, com o Football Club Rio Grandense⁴.

É notório que os moradores da ilha possuíam conhecimento do futebol profissional na cidade, mas, pela fala dos depoentes, isso não significa que no período da emergência do futebol ilhéu tivesse havido alguma relação mais orgânica entre os times profissionais da cidade com os times amadores daquela localidade. Estes, nos anos 1930 e 1940, eram constituídos somente por moradores da localidade que, por sua vez, também não saíam para jogar pelos clubes da cidade. Ronaldo Nunes de Oliveira, nascido em 1947, fala da formação inicial do time do Esporte Clube Libertador, clube pelo qual atuou mais tarde, nas décadas de 1960 e 1970:

[...] os filhos do patrão, meus tios, nossos tios, nossos parentes, tinha muita gente jogava só nesse clube aqui, a metade do time era da chácara aqui, só aqui tinha oito ou nove, dos filhos dos meus tios aqui [...] tudo vizinho aqui. O time aqui não botava ninguém de fora na época, quando foi inaugurado, o primeiro time foi assim. Depois de uns anos passados, daí foi modificando né, aí já começa, convida um, convida outro. (OLIVEIRA, 2011).

Ele aponta o fim dos anos 1950 e o início dos 1960 como a época em que gente “da cidade” começou a completar os quadros dos times da ilha: *“fomos jogar com o Ideal, completinho, a maior parte do time do Rio Grandense, no campo do Baipendi ali.”* (OLIVIERA, 2011).

Além disso, Guilherme Gomes, nascido em 1933, patrono do Barulho Futebol Clube, ponderou que no início também não era comum para os moradores da ilha acompanhar os jogos dos clubes profissionais, tendo em vista que não existiam nem sequer rádios no local. Ele segue sua fala relatando, sem precisão temporal, que à medida que os rádios começaram a ser utilizados pelos ilhéus, começou também a haver o acompanhamento dos jogos dos clubes profissionais.

Nesse contexto, Ronaldo Oliveira e Valdir Silva, ex-jogador do Esporte Clube Cruzeiro do Sul, nascido em 1950 – portanto mais novos do que Guilherme Gomes –, relatam

que se acompanhava, sim, o futebol profissional na cidade, geralmente pelos rádios, sem descartar eventuais idas aos estádios dos clubes.

A fala de Guilherme não chega a se contrapor ao que relataram Ronaldo e Valdir; elas apenas indicam períodos distintos e apontam um pequeno salto no tempo cronológico, tendo em vista a diferença de idade dos entrevistados. Isso pode sugerir que o futebol profissional de Rio Grande foi assunto nas rodas de conversa, mas em um período posterior ao título estadual do Sport Club São Paulo, conquistado em 1933, por exemplo.

Essa situação mostra como o futebol da Ilha dos Marinheiros possuía uma significativa autonomia perante o futebol profissional da cidade do Rio Grande, corroborando com o que relatou Guilherme quando assinala: *“Ligação? Não, nós não tínhamos, e acho que time nenhum tinha né, ligação.”* (GOMES, 2011).

Entretanto o que mais parece ter ocorrido foi uma curiosa relação inversa, em que algumas pessoas criaram vínculo afetivo com determinado clube profissional da cidade de Rio Grande, em razão de algumas semelhanças que eles possuíam com clubes da ilha. Foi o que contou Emília Silva de Oliveira, nascida em 1944, filha de um dos fundadores do Esporte Clube Libertador: *“Acho que gostaram dessas três cores... e acho que ainda tem lá a primeira bandeira que foi feita né, do clube... e nós somos Rio Grandense por causa do Libertador... eu sou, não existe mais né, minha mãe meu pai eram muito Rio Grandense... acho que uma coisa puxou a outra.”* (SILVA DE OLIVEIRA, 2011).



Figura 2: E. C. Libertador, 1957.
Acervo Pessoal da Sra. Rosiméri Silva de Oliveira

Criam-se relações de pertencimento envolvendo o lugar onde se vive e o futebol. Assim, o espaço (bairro) “constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (MAYOL, 2008: 40).

O morador, ou usuário, se sente parte integrante do lugar onde mora. Ele pertence ao seu bairro e ao seu clube de futebol. Talvez seja por isso que para muitos moradores da ilha o futebol de bairro tenha adquirido uma importância igual ou superior à que possui o futebol profissional.

A fundação dos clubes

Um dos principais espaços dirigidos ao lazer dos moradores ilhéus se dava por conta do futebol. A prática futebolística é bastante antiga, e a partir dessa prática começaram a surgir os clubes e a institucionalização do futebol.

Nenhum dos entrevistados chegou a especificar como e quando o futebol chegou até a ilha. Antes da existência dos clubes, o futebol ilhéu se resumia aos tradicionais treinos, conforme relatou Guilherme Gomes (2011). Esses treinos, de um modo geral, aproximavam-se do que nos dias atuais Damo (2005) definiu como “matriz bricolada”, ou das práticas futebolísticas que Pimenta (2009) define como peladas. Essa autora comenta que, para se

jogar uma *pelada*, são indispensáveis somente três itens: “bola, terreno e, claro, os jogadores. Os outros itens podem ser dispensáveis de acordo com os recursos (ou a falta destes): uniforme, chuteiras, caneleiras, traves, redes, árbitros, iluminação” (p. 17). Além disso, ele acrescenta que, “nas cidades onde é preciso alugar ou negociar um espaço para a ‘pelada’, um ou mais jogadores ficam responsáveis por esta atividade e quem organiza a ‘pelada’ também participa dos jogos” (ibidem, 17).

Na década de 1930, começaram a ocorrer as fundações dos primeiros clubes amadores na Ilha dos Marinheiros. Havia de certa forma a vontade intrínseca de jogar futebol em outro contexto, jogar futebol com fardamentos, jogar contra adversários dentro de campo.

Pedro Alves, nascido em 1923, atuou como jogador em alguns clubes do futebol ilhéu, mas o que lhe rendeu o maior envolvimento com o futebol amador foi o fato de ter sido um dos fundadores de um clube do lugar:

Eu me mudei pra cá, e comecei, comprei uma bola, num sapateiro, fui lá consertar o sapato não sei o que, e tinha uma bola. Aí me ofereceu se eu queria comprar aquela bola que mandaram consertar, mas não foram buscar. Eu comprei a bola, depois eu convidei os vizinhos, filhos do falecido João Guasca... eles eram quatro ou cinco e eu e meu irmão começamos a brincar com a bola aí nos morros, fomos, fomos, fomos, e formamos⁵ o Nó de Aço. (ALVES, 2011).

Os primeiros times foram fundados por volta do início da década de 1930, tendo como origem o agrupamento de homens dispostos a jogar futebol. Foi o caso do Esporte Clube Libertador, do Nó de Aço, do Ideal, que alguns dizem ser o primeiro clube da ilha. Esses clubes pioneiros começaram então a despertar o interesse dos jovens residentes em seus arredores. Não existia restrição, entretanto, em razão da grande população residente no local, começou a haver um excesso de jogadores vinculados. Foi aí, nos anos 1940, que outros clubes começaram a surgir, como o Barulho Futebol Clube:

[...] então aí nós íamos lá pra jogar bola, lá tinha um campinho né, a gente, a gente era do Libertador né, no princípio, sim, o Barulho não existia era só do Libertador. Aí foi o seguinte né, o Libertador sobrava muita gente né, não tinha, não suportava todos, todos os jogadores que tinha né, porque naquela época tinha muito guri novo, uns já com uma certa idade, então lá teve o Wilson, que, aí foi que formou o Barulho né. (GOMES, 2011).

Esse grande número de moradores residentes na ilha nas décadas de 1930 e 1940 remeteu nesse período à formação de muitos times. Os entrevistados lembraram vários clubes, mesmo que alguns destes estejam vivos somente na memória de quem os viu ou ouviu falar da época que ficaram lembradas como a da emergência do futebol ilhéu. É o caso de Ideal, Baipendi, Estrela do Sul, Gre-nal, Vila Verde, Três Oito, Aliança, além dos já citados Nó de Aço Futebol Clube e Esporte Clube Cruzeiro do Sul. O Esporte Clube Libertador e o Barulho⁶ Futebol Clube atualmente ainda mantêm suas atividades futebolísticas, disputando jogos amistosos e campeonatos com times de outros bairros de características semelhantes, pertencentes à cidade de Rio Grande. Já o Cruzeiro do Sul não atua nos campos de jogo, mas mantém sua sede aberta para outros eventos sociais.

Alguns fatos interessantes, em se tratando do aparecimento dos clubes amadores, se deram a partir da escolha de seus nomes. Dois casos em particular chamam a atenção. No caso do Barulho Futebol Clube, Guilherme Gomes deu a explicação para a escolha do nome:

[...] a gente tava tudo numa reunião né, e tá aquela conversa, como é que vai ser, como é que não vai ser pra botar o nome, né? E aí o Abílio Vieira⁷ foi e disse assim: 'É, vocês são é uma barulhada'. E aí os cara agarraram e vamos botar o nome de Barulho. E aí foi que ficou né, ficou o nome de Barulho, tá até hoje né. (GOMES, 2011).

Em outro caso, Pedro Alves contou por que o clube do qual foi fundador possuía um nome um tanto peculiar:

[...] naquela época, existia a cachaça nó de aço. Veja só, existia outra, a três oito no rótulo. E naquela época, foi nós, Nó de Aço, por que a gente pegava e ia pro jogo lá do outro lado, pegava uma garrafinha de cachaça nó de aço embaixo do braço, cada um dava uma bicada, e nós ia indo, ficou Nó de Aço, por causa da cachaça. (ALVES, 2011).

Além disso, destacam-se também as relações que os clubes possuíam com os demais, tanto que os mais antigos se tornavam padrinhos dos clubes que acabavam sendo fundados posteriormente. O Nó de Aço foi padrinho do Barulho, conforme destacaram tanto Guilherme, patrono do Barulho, quanto Pedro, fundador do Nó de Aço. O caso desses dois

times não foi isolado, já que outros clubes também construíram esse tipo de relação, como o Libertador, que apadrinhou o Cruzeiro, conforme relatou Valdir Silva.

Dessa forma, cabe ressaltar que as relações sociais que os times constroem se dão a partir da existência mútua e da proximidade existente entre clubes no mesmo espaço/bairro.

O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um “engajamento” social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição. (MAYOL, 2008: 39).

Não menos importante que os fatos já abordados é a questão do envolvimento das famílias que lá residiam na fundação dos clubes, segundo relatos. Geralmente as chácaras eram muito populosas, e alguns clubes surgiam a partir do envolvimento de uma família, irmãos, primos, tios, pais, além de alguns empregados.



Figura 3: Barulho F. C. Déc. 60
Acervo Pessoal do Sr. Adilson de Oliveira

Após a fundação, o clube não era fechado para jogadores que não pertenciam ou que possuíam algum tipo de vínculo com aquela família. No caso do Barulho e do Libertador, por exemplo, a família Oliveira se faz presente nos dois clubes, o que confirma que as chácaras

possuíam muitos moradores, tendo em vista que o Barulho veio surgir a partir da fragmentação do Esporte Clube Libertador.

Em alguns casos, a influência da família atravessou décadas e se faz presente até hoje. Rosiméri Silva de Oliveira, filha da dona Emília e portanto neta de um dos fundadores, atualmente ocupa o cargo de presidente do Libertador. Ela explicou rapidamente o porquê de seu envolvimento com o clube: “*família, família... Já vem do pai, do vô...*” (OLIVEIRA, 2011).

Essa situação apoia o que ressalta Cioccarri (2007), a qual atribui ao futebol uma grande importância social, além de agir fortalecendo laços de parentesco, noções de masculinidade e de pertencimento. Praticamente todas as entrevistas salientaram como o futebol atua como um fator de sociabilidade⁸ dentro do bairro, explorando os laços familiares e gerando uma constante interação com outros usuários. Assim, como destacou Rigo (2007: 90), muitos clubes de futebol de bairro atuam como “catalisadores que concentram e reproduzem os afetos, os códigos e os conflitos que flutuam pelas ruas. Por sua capacidade de agregar e interagir com os moradores, eles se tornam agenciadores de sociabilidade, um lugar onde se forjam sentimentos e valores”.



Figura 4: Aliança, Déc. 60.
Acervo Pessoal da Sra. Diná Arvelos

No período da emergência futebolística ilhéu, por exemplo, os trabalhadores exerciam funções agrícolas seis dias da semana, ou seja, de segunda a sábado. No domingo, que segundo Mayol (2008b) fica reservado para as atividades coletivas de lazer, o dia era preenchido pelo futebol, que acabava se tornando o principal – senão o único – meio de os moradores se relacionarem com seus vizinhos, amigos e parentes.

Isso acontecia não só durante as partidas em si – dentro e fora de campo –, mas também na convivência junto às sedes dos clubes. Há que se ressaltar que, quando surgiam, os clubes não possuíam grandes sedes, apenas pequenos espaços erguidos com madeira e cobertos com lona ou macega. Nesses locais, era organizada a tradicional copa, a qual possuía o objetivo de auxiliar o clube economicamente, por meio do comércio de bebidas e lanches. Somente mais tarde, na década de 1960, é que Barulho, Cruzeiro e Libertador construíram sedes de maior porte, ainda de madeira, utilizadas também para guardar troféus e assistir televisão.

Considerações finais

As memórias presentes neste artigo tratam da fundação de clubes de futebol amador em determinadas condições históricas, geográficas e culturais que remetem a um espaço rural, inacessível por via terrestre até o início deste século, dependente economicamente de atividades primárias – como a agricultura e a pesca –, sem veículos de transporte no interior da localidade e constituído, em sua maioria, por pessoas de laços consanguíneos.

Num primeiro momento, o que poderia ser tomado como empecilho para a emergência do futebol na ilha foi o que justamente potencializou a formação de clubes. A convivência próxima, a participação da comunidade nas atividades de lazer em comum aos domingos (festas religiosas e futebol), a abrangência familiar na prática do futebol, fosse jogando e/ou torcendo, e a própria dificuldade de se sair da ilha aparecem como fatores que alavancaram a formação de pelo menos 11 clubes até a primeira metade do século passado.

Nas falas dos entrevistados, em várias oportunidades observamos o envolvimento, a importância e os valores que atribuem aos clubes. Isso mostra que no futebol amador geralmente o torcedor possui uma grande proximidade com o seu clube. Assim, para muitos adeptos desse futebol, é mais importante acompanhar e torcer pelo seu clube infame⁹, o do bairro, do que torcer para um que pertence à matriz midiática (DAMO, 2006).

Além disso, é importante ressaltar que nas décadas de 1930 e de 1940 o futebol aparece como uma das principais oportunidades de entretenimento para os moradores da ilha, o que contribuiu para que ele passasse da esfera *peladeira* para a esfera amadora.

É a partir dessa transição que o futebol na Ilha dos Marinheiros ganha contornos de *coisa séria*, pois há notadamente a preocupação com o fardamento, os enfrentamentos entre clubes vizinhos e visitas a clubes mais distantes, e também com a organização das tardes esportivas (como eram chamados os torneios realizados aos domingos). Até então, a prática

do futebol se dava nos chamados treinos, que possuíam um caráter mais caseiro, praticado entre parentes de uma mesma família, acrescido de trabalhadores de sua respectiva chácara.

Por fim, cabe também destacar que, no período da emergência dos clubes amadores (décadas de 1930 e 1940), a Ilha dos Marinheiros possuía muitas famílias numerosas, o que possibilitou o surgimento de clubes familiares de futebol, instituições constituídas a partir de uma única família e que foram sendo passadas de uma geração para outra. Esse era o caso, por exemplo, do Esporte Clube Libertador e Barulho Futebol Clube através da família Oliveira, e o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, da família Silva.

O envolvimento das famílias na constituição e na manutenção de clubes principalmente amadores é recorrente, alimentado por uma espécie de dívida ou promessa para com os entes:

Por um lado, os “herdeiros” levam adiante os sonhos de seus antecessores, pois se não o fizerem provavelmente determinado time irá ‘ficar parado’, o que significa o fim daquela equipe. As relações familiares são determinantes também para a manutenção do time, pois sem uma rede de solidariedade entre os membros da família dificilmente um time de futebol amador consegue se manter (PIMENTA, 2009: 34).

Um dos objetivos deste artigo foi contribuir para a construção das memórias do período da fundação dos clubes de futebol pioneiros da Ilha dos Marinheiros (1930-1940). Com este estudo, também pudemos perceber como o futebol de bairro faz parte da vida dos moradores da ilha.

Referências

- AZEVEDO, Ana Lucia Dias Morisson. *A ilha dos três Antônioos*. Águeda, Portugal: Jornal Soberania do Povo, 2003.
- CIOCCARI, Marta Regina. *Das regras do jogo: futebol, masculinidade e disputas numa comunidade de mineiros de carvão no RS*. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre, 2007.
- DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 1, Nov. 2005/fev. 2006.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL. *Campeões do Campeonato Gaúcho*. Disponível em: <<http://www.fgf.com.br/campeoes.html>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. *O que é um autor*. Lisboa, Portugal: Nova Veja, 2009.

GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. In: *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 3, jul. 2006/out. 2006.

MAYOL, Piere. O Bairro. In: CERTEAU, Michel ; GIARD, Luce ; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. O Fim de Semana. In: CERTEAU, Michel ; GIARD, Luce ; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2*. Petrópolis: Vozes, 2008b.

MEIHY, José Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, Rosângela Duarte. *Desvendando o jogo: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão*. Tese de Doutorado. Recife, PE: UFPE, 2009.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

_____. *Ensaio de história oral* [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago: tradução Fernando Luis Cássio e Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RIGO, Luis Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. *Revista Pensar a Prática*, v. 10, n. 1, 2007.

SPORT CLUB SÃO PAULO. *Homepage*. Disponível em: <<http://www.saopaulors.com.br>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

SPORT CLUBE RIO GRANDE. *Homepage*. Disponível em: <<http://www.sportclubriogrande.com.br/titulos.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

Entrevistas

Emília Silva de Oliveira, Rio Grande, 2011.

Guilherme Pousada Gomes, Rio Grande, 2011.

Pedro Alves, Rio Grande, 2011.

Ronaldo Nunes de Oliveira, Rio Grande, 2011.

Rosiméri Silva de Oliveira, Rio Grande, 2011.

Valdir de Oliveira e Silva, Rio Grande, 2011.

Dados Profissionais dos Autores

Jones Mendes Correia

Mestrando em Educação Física na ESEF/UFPEL
Endereço Eletrônico: jonescorreia.edfisica@yahoo.com.br

Ms. Gustavo da Silva Freitas

Mestre em Educação Física pela ESEF/UFPEL; doutorando no PPGEC/FURG; professor do curso de Educação Física da FURG.

PUBLICAÇÕES:

FREITAS, Gustavo da Silva; VIDINHA, D. S.; RIGO, L. C. Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. *Revista da Educação Física* (UEM. Online), v. 23, p. 89-109, 2012.

FREITAS, Gustavo da Silva; RIGO, L. C.; SILVA, Méri Rosane S. da. A nova 'Era Dunga': o treinador como um dispositivo. *Motriz: Revista de Educação Física* (Online), v. 18, p. 9-21, 2012.

FREITAS, Gustavo da Silva; RIGO, L. C. Discursos de uma derrota: um estudo da produção discursiva sobre a eliminação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2006. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, p. 111-125, 2009.

Endereço eletrônico: gsf78_ef@hotmail.com

Dr. Luiz Carlos Rigo

Doutor em Educação; professor dos cursos de graduação e pós-graduação da ESEF/UFPEL.

PUBLICAÇÕES:

FREITAS, Gustavo da Silva; RIGO, L. C.; SILVA, Méri Rosane S. da. A nova 'Era Dunga': o treinador como um dispositivo. *Motriz: Revista de Educação Física* (Online), v. 18, p. 9-21, 2012.

RIGO, L. C.; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore Mohnsan da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. *Movimento* (UFRGS, Impresso), v. 16, p. 153-177, 2010.

RIGO, L. C. Nomadismo e miscigenação no futebol pelotense. *Movimento* (UFRGS, Impresso), Porto Alegre ESEF/UFRGS, v. 9, n. 3, p. 149-161, 2003.

Endereço Eletrônico: lcrigo@terra.com.br

Notas

¹ Ao total existem três igrejas na ilha: São João Batista, Nossa Senhora da Saúde e Santa Cruz, cada igreja realiza uma festa por ano. Mais sobre as festas em: A ilha dos três Antônio (AZEVEDO, 2003).

² Bebida com teor alcoólico cuja matéria-prima é a uva.

³ Para Portelli, a história oral é "uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito que chamarei de *narrador* e de outro sujeito que chamarei de *pesquisador* – encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações" (PORTELLI, 2010: 210).

⁴ Os dados que indicam a década de 1930 como o fastígio do futebol profissional da cidade de Rio Grande foram extraídos dos sites do Sport Club São Paulo, Sport Club Rio Grande e da Federação Gaúcha de Futebol.

⁵ Meihy (2007) discute o que é um documento em história oral, de modo que o mesmo elenca algumas possibilidades e avalia que existem diversos defensores para cada uma delas. Os documentos em História podem ser a fita gravada, a transcrição fiel ou o texto depois de revisado. Nesse momento optamos pela transcrição revisada do oral para o escrito, uma vez que o mesmo autor anuncia que poderá haver modificações nessa transposição.

⁶ Diante das narrativas dos depoentes e de outras fontes históricas utilizadas no estudo, somente em alguns casos foi possível utilizar o nome completo do clube.

⁷ Abílio Vieira foi um dos fundadores do Barulho Futebol Clube, juntamente com seu filho Wilson, além de Guilherme Gomes e outros.

⁸ O entendimento de sociabilidade trazido neste artigo se aproxima do que Gastaldo (2006: 3) anuncia como “uma espécie de ‘jogo da vida social’, um momento lúdico (é bom lembrar a etimologia deste termo, derivado do latim ludus, ‘jogo’), de prazer, distinto das coisas ‘sérias’ da vida cotidiana, este frágil refúgio das agruras do mundo do trabalho, da economia e da política”.

⁹ Tratar os clubes amadores da Ilha dos Marinheiros como não famosos é alargar a um outro tempo e lugar aquilo que Michel Foucault (2009) rascunhou em relação às vidas de sujeitos que foram condenados à infâmia, “vidas ínfimas transformadas em cinzas nas poucas frases que as prostraram” (p. 92). Nesse deslocamento, é preciso deixar claro que a adjetivação de infame a esses clubes faz sentido quando colocados de frente com o futebol profissional ou o futebol midiático. Aprendemos na pesquisa que, apesar de sua força local, pouca coisa ficou registrada e organizada acerca desse futebol quando olhamos para o tempo de sua emergência na primeira metade do século XX.